



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDU  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**CLEIDIANE WANESKA SOUTO TAVARES  
POLIANA MARIA NUNES PEREIRA**

**A EXPERIÊNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E  
LETRAMENTO EM UMA TURMA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL I**

**MACEIÓ**

**2019**

CLEIDIANE WANESKA SOUTO TAVARES  
POLIANA MARIA NUNES PEREIRA

A EXPERIÊNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E  
LETRAMENTO EM UMA TURMA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL I

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
apresentado ao Centro de Educação da  
Universidade Federal de Alagoas para a  
obtenção do título de licenciatura em  
Pedagogia.

MACEIÓ

2019

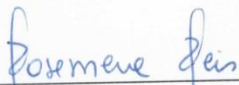
CLEIDIANE WANESKA SOUTO TAVARES  
POLIANA MARIA NUNES PEREIRA

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 26/06/2019.

Orientadora: Profa. Dra. Rosimeire Reis da Silva

Comissão Examinadora



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Rosimeire Reis da Silva (CEDU/UFAL)



\_\_\_\_\_  
Prof. MSc. Luciano Henrique da Silva Amorim (UFAL/ARAPIRACA)



\_\_\_\_\_  
Profa. Msc. Pamela Tamires Bezerra da Silva (CEDU/UFAL)

# A EXPERIÊNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM UMA TURMA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Cleidiane Waneska Souto Tavares<sup>1</sup>  
anetavaresufal@gmail.com

Poliana Maria Nunes Pereira<sup>2</sup>  
poliananunespereira@hotmail.com

Rosimeire Reis da Silva<sup>3</sup>  
reisroseuafal@gmail.com

## RESUMO

Esta investigação é fruto da experiência vivenciada durante as atividades de intervenção realizadas na disciplina de Estágio Supervisionado IV, no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). No período de dois meses acompanhamos uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I que continham 29 crianças, tendo como campo de pesquisa uma escola pública no bairro do Clima Bom, localizada no município de Maceió (AL). Dentro do campo de pesquisa nos deparamos com uma realidade na qual as crianças aparentemente se dispersavam facilmente na sala de aula com atividades de cunho tradicionalista, em que a privação do movimento infantil era constante, como também dificuldades em desenvolver a habilidade da leitura e da escrita de forma prazerosa. Devido às problemáticas encontradas, buscamos compreender se atividades atreladas ao lúdico no processo de alfabetização e letramento surtia um melhor desempenho escolar para todas as crianças da turma. Apoiamo-nos como aporte teórico metodológico em uma pesquisa qualitativa com abordagem de estudo de caso, tendo como instrumento de pesquisa a observação. Realizamos conjuntamente uma pesquisa documental para analisar o referencial teórico que norteia a educação básica no estado e subsidiam a prática de professores, como: Ferreiro (1993), Soares (1998), Kishimoto (2010), Vigotsky (1979), entre outros. Consideramos de extrema importância à inserção de novas metodologias nesse primeiro estágio da educação básica, tornando assim o processo de ensino e aprendizagem mais

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>3</sup> Doutora em Educação - USP. Mestre em Educação pela mesma instituição. Graduada em História pela PUC-SP. Professora da Universidade Federal de Alagoas.

agradável, sendo essencial respeitar as fases de desenvolvimento infantil do sujeito em formação cognitiva, cultural e social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lúdico. Alfabetização. Letramento. Aprendizagem. Ensino Fundamental I.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi resultado das experiências adquiridas durante a vigência do Estágio supervisionado IV, do curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A turma observada, em questão, foi a do 3º ano do Ensino Fundamental I de uma escola da rede pública de ensino de Maceió. Nos primeiros contatos durante o período de acompanhamento da turma, percebemos certas dificuldades das crianças com os textos ofertados em sala de aula pela professora polivalente. Além dessas dificuldades que permeavam uma não identificação do conteúdo com a realidade das crianças, consideramos importante adentrar em outra questão.

Os conceitos de infância e de criança se modificam ao longo do tempo, entretanto, algumas características possuem similaridades ao redor do mundo. Segundo Ariès (1978) ao analisar a infância em diferentes contextos históricos, essa fase era um período de transição que duraria pouco tempo e seria ultrapassado, reiterando que a lembrança, tanto da criança quanto daqueles que a cercam nessa fase, era logo perdida. A criança era observada como dotada de fragilidade e com necessidade de atenção e cuidados especiais por um longo período de tempo, pois, as taxas de mortalidade eram elevadas. Vale ressaltar que a criança comumente era tratada como um adulto em miniatura, sendo a infância totalmente desconsiderada.

Kuhlmann e Fernandes (2004) fazem a distinção entre infância e criança apontando as singularidades entre os termos. Segundo os autores, a infância é um período da vida humana, já a criança trata-se de uma realidade afetiva e cognitiva do indivíduo. Entretanto, esses dois conceitos se entrelaçam constantemente formando um aglomerado do que a sociedade, de acordo com o sistema vigente, define com o que é ser criança.

Constatamos, após uma maior aproximação com a turma, que aquelas crianças ainda não haviam sido plenamente alfabetizadas. Para além do que foi constatado, foi perceptível a pressão que existia sobre a professora e às crianças da turma por já estarem no ano limite estabelecido pelo Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

Considerando a problemática encontrada no campo de pesquisa, tivemos como proposta de intervenção apresentar a docente e a turma algumas estratégias

da utilização do lúdico no processo de alfabetização e letramento, como meio facilitador do desenvolvimento integral para as crianças alfabetizadas e as que ainda não haviam sido alfabetizadas.

É importante enfatizar a relevância desta contribuição devido aos índices educacionais alarmantes que afetam nosso estado. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) de 2017, obtidos na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), Alagoas aparece liderando o ranking de analfabetismo em todo o país com 18,2% de pessoas analfabetas. Índice extremamente preocupante que alarida para o descaso do Estado para com a educação do país e recaem nas costas dos principais responsabilizados, os professores.

Ademais, estudamos os documentos norteadores da educação, com ênfase nas observações contidas para o estado de Alagoas. O Plano Estadual de Educação – PEE (2015-2025) constata que houve baixo desempenho de crianças alfabetizadas em Alagoas considerando a região do nordeste e todo o país. Segundo o documento:

A taxa de alfabetização de crianças que concluíram o Ensino Fundamental em Alagoas ficou abaixo da taxa do Nordeste e do Brasil, o que implica na implantação/implementação de políticas para a melhoria do trabalho de alfabetização, no sentido de reduzir o fracasso escolar, uma vez que o domínio da leitura e da escrita é um dos aspectos considerados essenciais para o bom desempenho em todas as áreas de conhecimento e em todos os anos do Ensino Fundamental. (Plano Estadual de Educação, 2015, p. 24)

No que concerne à epistemologia da ludicidade integrada à ação educativa, percebemos que o lúdico vai além do brincar nesse processo constante de descoberta do mundo e de integração à sociedade. De acordo com Vygotsky (1971) apud Friedmann (2006) “a atividade lúdica é decisiva no desenvolvimento da criança porque liberta de situações difíceis.” Isso significa que na brincadeira a criança pode sentir que as coisas não são como aparentam ser. A situação na qual está vivenciando com a brincadeira possibilita orientar-se pelo significado da situação.

Nesta perspectiva, para que as crianças aprendam sobre a leitura, escrita e compreensão da linguagem, buscamos como meio de aprendizagem, jogos e brincadeiras, entendendo como a imaginação em ação, que envolve cultura, prazer, espontaneidade, criatividade, originalidade e liberdade, inerente à criança.

Neste sentido, percebe-se a necessidade de se relacionar o processo de alfabetização e letramento com o lúdico, na forma de jogos e brincadeiras, despertando assim, a atenção das crianças. Porém não pode ser vista apenas como um passatempo.

Ao desenvolver uma atividade lúdica e educativa, a mesma deve ter por intento gerar situações que estimule o processo de ensino-aprendizagem que envolve tanto o docente quanto as crianças que ocupam o papel de estudantes.

A partir das observações da turma do 3º ano, ficou claro que se fazia necessário realizar a incorporação de novos recursos didáticos para auxiliar o processo de aprendizagem das crianças. Assim, refletindo sobre as dificuldades apresentadas pelas crianças na leitura e escrita, surgiu a ideia de trazer estratégias lúdico-pedagógicas como auxílio no processo de alfabetização e letramento das mesmas, segundo Oliveira (1985, p.74) é um recurso metodológico capaz de propiciar uma aprendizagem espontânea e natural.

Emília Ferreiro (1993), afirma que as crianças são facilmente alfabetizadas quando descobrem que a escrita é um objeto interessante e merece ser conhecido. A partir disso, as atividades foram realizadas com a participação de todas as crianças no processo de ensino e aprendizagem, através de jogos e brincadeiras tornando o ensino mais criativo, interessante, participativo, prazeroso e estimulante.

Os jogos e as brincadeiras são algumas das atividades lúdicas mais trabalhadas pelos professores atualmente, pois elas estimulam o cognitivo, afetivo, motor e a criatividade das crianças, contribuindo significativamente para a construção e formação infantil em uma perspectiva de integralidade da pessoa humana.

Através do lúdico o educador pode desenvolver atividades que estimulem a capacidade criativa, interativa, produtiva e que, sobretudo ensine as crianças a discernir valores éticos e morais, formando cidadãos conscientes dos seus deveres e de suas responsabilidades, além de propiciar situações em que haja uma intervenção maior entre as crianças e o professor no contexto da sala de aula quebrando com o paradigma bancário, estimulando um espaço de interação, diálogo e construção de saberes significativos. Contribuindo assim, para uma aprendizagem significativa de conceitos cognitivos no desenvolvimento infantil, importante para a criança. Ademais,

[...]as brincadeiras enriquecem o currículo, podendo ser propostas na própria disciplina, trabalhando assim o conteúdo de forma prática e



no concreto. Cabe ao professor, em sala de aula ou fora dela, estabelecer metodologias e condições para desenvolver e facilitar este tipo de trabalho (MUNHOZ, 2009; p. 29)

No que condiz a estratégia metodológica, nos apoiamos em uma pesquisa qualitativa, com estratégia metodológica de estudo de caso. Propomos utilizar a pesquisa científica atrelada ao campo de estudo como meio de aprimoramento de nossa prática docente. Debruçamo-nos também em uma análise documental para abarcar o aporte teórico em documentos governamentais e nos estudos dos autores de grande relevância na área educacional como: Ferreira (1993), Soares (1998), Kishimoto (2010), Vigotsky (1979), entre outros. Estes teóricos, em suas investigações, elencaram como fundamental dar importância ao desenvolvimento da criança nas diversas fases da alfabetização, respeitando suas características individuais e necessidades pessoais que se atrelam ao coletivo, considerando que a criança é um ser que está sendo apresentada ao mundo e se encontra em constante formação.

Nesse sentido, através do resultado do diagnóstico da turma do 3º ano do ensino fundamental I, foi definido um plano de trabalho com metas a serem desenvolvidas nos dias de intervenção na sala de aula. Foram desenvolvidas atividades com materiais concretos como jogos e dinâmicas, entre eles: brincadeira da caixa surpresa, jogo dados da leitura e reescrita a partir da história contada e desenho como subsídio para trabalhar outros tipos de linguagens. Os recursos utilizados foram: livros, caixas de histórias, desenhos, quadro de giz, o gênero textual conto, jogos e dinâmicas visando à participação de todas as crianças no processo de ensino-aprendizagem, priorizando a leitura e a escrita.

O trabalho está dividido em quatro seções. Além desta introdução, a seção dois que apresenta o conceito de lúdico, alfabetização e letramento. E pretende-se abordar a visão que alguns teóricos da educação possuem em relação a esses conceitos. A seção três apresenta o locus da experiência que é um breve conhecimento da instituição escolar e o caminho trilhado no contexto da sala de aula e a descrição sob forma de narrativa das aplicações e resultados das intervenções, por meio das observações em sala. E finalmente a seção quatro, com as considerações finais do trabalho realizado.

## 1. A LUDICIDADE NA PRÁTICA DOCENTE

A partir do momento em que a criança tem acesso ao mundo da leitura, ela busca novos textos literários, novas descobertas, ampliação de compreensão de si e do mundo, do desenvolvimento pessoal e do mundo que a cerca. Vygotsky (1991), explica que a brincadeira é entendida como uma atividade social da criança, em que sua natureza e origem específicas são elementos essenciais para a construção de sua personalidade e compreensão da realidade na qual se insere. Ressaltando que a palavra lúdico origina-se do latim *ludus* que significa brincar. A utilização do lúdico na educação tem o objetivo de desenvolver o aprendizado de forma mais atrativa para o aluno. O lúdico, ou seja, a presença dos jogos e brincadeiras é de extrema importância nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois auxiliam e desempenham um papel diferencial no processo de ensino e aprendizagem.

Investir na construção de jogos para estimular a aprendizagem das crianças é considerar que o brincar faz parte do desenvolvimento infantil e que a criança, apesar de estar na condição de aluno, continua sendo criança. De acordo com Vygotsky (1979) a brincadeira cria para a criança uma zona de desenvolvimento proximal, em que com o seu conhecimento atual necessita da ajuda de uma pessoa para conseguir avançar na construção do conhecimento coletivo.

As atividades lúdicas são aquelas que integram a ação, o pensamento e o sentimento. Podem ser uma brincadeira, um jogo ou qualquer outra atividade que possibilite instaurar um dinamismo de integração do grupo ou de sensibilização. Cabe salientar que, segundo Vygotsky (1991) a brincadeira apresenta três características: a imitação, a regra e a imaginação, que estão presentes em todos os tipos de brincadeiras, podendo ser de faz de conta, tradicional ou outra atividade lúdica.

A escola tradicional dá importância apenas na transmissão de conteúdo, de forma mecânica, deixando o aspecto lúdico de lado durante a prática pedagógica. Cabe salientar que os conteúdos ensinados por meio do lúdico, traz maior significação para criança que constantemente interage com o meio na coletividade. Diante disso, Santos (2010, p. 22) explica que,

[...] ao trabalhar com jogos, brincadeiras e dinâmicas o educador não está apenas ensinando conteúdos conceituais, está também educando as pessoas integralmente, tornando-as mais humanas através do desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral.

Os educadores discutem sobre as atividades lúdicas, mas após o término da Educação Infantil com a transição para os anos iniciais do Ensino Fundamental I diminuem cada vez mais a inserção da ludicidade, a criança sai de um espaço, em que aprendia brincando, para um espaço no qual, elas precisam ficar mais tempo sentadas e o termo disciplina se ouve constantemente. Ademais, Almeida (2006) considera que em uma sala adequada ao contexto lúdico, o professor se abstem da sua centralização, ao controle onipotente e repassa para a criança uma postura ativa, aflorando sua espontaneidade e criatividade. Porém, essa transformação é complexa, pois exige uma preparação do professor no início de sua formação, o que por muitas vezes não acontece. Além da precarização da educação pública, a superlotação das turmas e a sobrecarga de trabalho docente.

Existem estudiosos (KISHIMOTO 2011; RAU 2007; MACEDO 2005) que defendem a utilização de jogos e atividades lúdicas como facilitadora do processo de ensino e aprendizagem. Para eles, o trabalho utilizando a ludicidade contribuiu para que exista a interação entre professor e aluno. Vygotsky (1999) faz algumas considerações acerca da aprendizagem na interação social de maneira dialética em sua totalidade. Ele alerta que:

[...] Se ignoramos as necessidades da criança e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender seu avanço de um estágio de desenvolvimento para outro, porque todo avanço está conectado com uma mudança mais acentuada nas motivações, tendências e incentivos. (VYGOTSKY, 1999, p. 106)

Diante disso, Luckesi (2006) afirma que “O que a ludicidade traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. [...] Não há divisão” (LUCKESI, 2006, p. 2). O jogo na forma lúdica deverá dar espaço para a criança sintetizar a informação a sua maneira, tendo a liberdade para conduzi-lo de forma prazerosa, alegre e livre.

Segundo Gardner(1995) é de suma importância à vivência de momentos lúdicos no processo de ensino aprendizagem possibilitando que cada criança construa possibilidades diversas de aprendizagens considerando sua individualidade, realidade, ritmo, espaço e tempo.

A utilização do lúdico facilitaria a interação da criança no processo de aprendizagem. Teixeira e Vaz (2001, p. 6) afirmam que:

Uma das situações mais eficazes para se conseguir o envolvimento das crianças, para se poder apreciá-las mentalmente ligadas e

acesas, completamente envolvidas na atividade que realizam, ocorre quando esta atividade é um jogo.

Nos jogos e brincadeiras as crianças desenvolvem capacidades essenciais para o desenvolvimento pleno. Durante essas atividades lúdicas a criança socializa, elabora conceitos, fórmula ideias, estabelece relações lógicas contribuindo assim para sua construção.

O educador somente deve intervir para estimular a concepção da criança e a interação dos que apresentarem dificuldades de concentração ou participação para que o jogo absorva a atenção por completo e contribua para melhorar o desenvolvimento integral da criança.

Neste contexto, tendo o lúdico uma estratégia metodológica a mais no processo de ensino e aprendizagem, o professor poderá permitir por meio de jogos e brincadeiras, que as crianças tenham igualdade de oportunidades e de aprendizado. Desta forma, se entende que:

Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver (KISHIMOTO, 2010, p.01).

A criança é produtora de cultura e mesmo quando estão brincando elas produzem cultura. Desse modo, é necessário observar atentamente o que as crianças fazem todos os dias, como elas aprendem, criam e reinventam a cultura, ou seja, estar ciente da criança como sujeito ativo em seu próprio mundo e não como ser passivo às margens de um mundo social de adultos.

O ambiente de sala de aula precisa possuir qualidades estéticas adequadas às crianças, o espaço também é um educador, e que a organização do espaço precisa ser planejada pelo professor no mínimo detalhe, valorizando a bagagem de cultura que o aluno traz, pois os alunos se comunicam de várias linguagens e culturas. Ainda assim, temos nos deparados com espaço de sala de aula em que as crianças são impedidas de se expressar, de explorar a imaginação e a criação.

No entanto é possível, promover um lugar em que as crianças possam falar expressar, comunicar, explorar, por meio de várias linguagens com a mesma facilidade que elas fazem em seus ambientes domésticos.

Percebemos que o lúdico não era presente na sala de aula, as atividades realizadas pelas crianças não passavam de mera reprodução de modelos estereotipados xerocados. Às vezes, um desenho livre para ocupar o tempo e a professora anotar algumas coisas enquanto as crianças desenhavam. Desde a pintura da sala e organização do espaço observa-se que não houve preocupação com o lúdico e o letramento. Sendo assim, nos deparamos com um número elevado de alunos com grandes dificuldades de aprendizagem.

Algumas dificuldades se expressavam a partir da falta de atenção, perda do interesse por novas atividades, atividades inacabadas, dificuldades para seguir instruções da professora, dificuldades com a leitura e escrita, reconhecimento das palavras. Mas, algumas crianças conseguiam compreender uma explicação falada e outras sabiam ler, mas sentiam dificuldades para compreender o que tivera lido.

A criança aprende na vivência, na experiência no mundo a sua volta. Assegurar situações diversificadas para que aconteça este aprendizado é incumbência dos pais e professores, instigando as crianças em aprendizagens, progredindo o biológico, o psicológico e o social.

Segundo Ferreira (1996, p.24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”.

A mediação do professor alfabetizador é muito necessária no desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita, pois o processo de alfabetização tem sido um grande desafio a ser enfrentado tanto pelo professor quanto pela sociedade que deseja uma educação de qualidade em nossas escolas.

A criança chega à escola com conhecimento lingüístico que precisa ser aprimorado pelo professor que é o mediador desse processo, e assim, desenvolver sua língua materna para a prática da escrita convencional.

Na alfabetização existem vários métodos que podem ser classificados como sintéticos e analíticos ou globais. Os métodos sintéticos são aqueles em que o docente começa a ensinar do menor para maior, isto é, das letras para os textos e orações. Já nos métodos analíticos ou globais o professor começa a ensinar pelo caminho inverso, do maior para o menor, ou seja, dos textos ou orações para as letras.

Quanto ao conceito de alfabetização, a partir de Magda Soares (1998),

podemos afirmar que a alfabetização consiste na ação de alfabetizar, ou seja, de tornar o indivíduo capaz de ler e escrever, pode ser considerado um processo de treino para que se estabeleçam as relações entre fonemas e grafemas, um processo de desmonte de estruturas linguísticas. No que tange ao letramento este pode ser definido como o uso competente e constante da prática de ler e escrever no meio social.

Nesse sentido, para a criança ingressar no mundo letrado torna-se tarefa árdua e até muitas vezes desestimulante quando o professor alfabetizador não faz referência ao conhecimento prévio sobre a leitura e a escrita que este traz.

Ademais, ao refletir sobre o contexto tradicional e atividades mecânicas, como também a dificuldade de aprendizado da criança na leitura e escrita, tomamos como objetivo de pesquisa trazer estratégias lúdicas pedagógicas que pudesse auxiliar no processo de alfabetização e letramento das crianças que se encontravam engessadas por posturas autoritárias e práticas tradicionalistas de ensino.

## **2. LOCUS DA EXPERIÊNCIA: CONHECENDO A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O CAMINHO TRILHADO NO CONTEXTO DA SALA DE AULA**

A realização da experiência ocorreu em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Maceió. O período de estágio com a turma ocorreu entorno de dois meses, entre observações, diálogo com o corpo docente, orientações com a professora que supervisionava a nossa prática como estagiárias do curso de pedagogia e a aplicação das intervenções propostas.

A escola atende crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I e turmas da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA). A equipe técnica pedagógica tem aproximadamente 30 professores, que se dividem entre os três turnos. Possui uma diretora geral e sua vice, quatro coordenadoras que se revezam entre os turnos e uma Assistente Social. Vale ressaltar que não tivemos acesso ao PPP, o mesmo estava passando por um processo de mudanças e a última atualização dele, que foi realizada no ano de 2015, não estava na escola, assim, este trabalho foi elaborado com base na observação que realizamos.

Com relação ao espaço físico, a escola conta com 18 salas de aula e um refeitório, onde é servida a merenda. A organização das salas em sua maioria é padrão tradicional, com cadeiras enfileiradas, ou a critério dos professores.

No contexto sala de aula, acompanhamos a rotina diária. A partir do toque do sinal, todos se reúnem em filas no pátio, e logo após as crianças são conduzidas pelas suas respectivas professoras para a sala de aula. Durante os dias de observação percebemos que a professora da turma consegue impor autoridade sobre as crianças chamando a atenção delas com firmeza. Percebemos pouca participação das crianças mediante a postura rígida da docente. A metodologia utilizada por ela é a tradicional, em que o professor é o guia do processo educativo e exerce uma espécie de “poder”. Tem como função transmitir conhecimento e informações, mantendo certa distância das crianças, que são “elementos passivos”, em sala de aula. Utilizando poucos recursos didáticos, ou seja, usando apenas o quadro, piloto de quadro branco, o caderno e muitas atividades xerocadas.

A turma possui 29 crianças compreendendo a idade de 8 a 10 anos, sendo que, apenas 14 crianças estão alfabetizadas e as demais crianças são consideradas analfabetas por não conseguirem decodificar os símbolos linguísticos. Aparentemente as crianças possuem entre si um bom relacionamento interpessoal.

Após observar o contexto sala de aula, percebemos a falta de interesse que as crianças transpareciam, não havia estímulo apenas algumas folhas xerocadas de algum assunto dado pela professora, muitas das vezes eles respondiam como entendiam, ou não respondiam e outras vezes tinham medo de perguntar para professora.

Nesse sentido, a escola é o espaço social e o local em que a criança dará sequência ao seu processo de socialização. As crianças, desde muito pequenas, já estabelecem relações e têm opinião. Assim, quando estimuladas pela prática, que permite e promove a participação ativa no processo de construção do conhecimento, suas possibilidades são ainda maiores.

A Instituição Escolar é o espaço para aprender e ensinar, pois as crianças colhem suas primeiras sensações, impressões, sentimentos do viver. Em suma, é um dos primeiros espaços que são socializados. Sendo assim, a criança deve ter a oportunidade de ter o contato com o universo das coisas, da natureza, da cultura e de seus pares. E o lúdico permite através dos jogos e das brincadeiras, que as crianças possam experienciar situações de aprendizado coletivo com diversão e didática.

Nosso primeiro dia de observação foi de grande importância para a elaboração do projeto, pois conhecemos um pouco da rotina da sala de aula, como as crianças interagem e a dinâmica da turma. Fomos bem recebidas pela professora e pelas crianças, percebemos que as crianças eram muito curiosas e observadoras, ficavam atentas para saber do que conversávamos, além de muita agitação e barulho, supomos que por as crianças estarem em contato com duas pessoas desconhecidas.

Nesse primeiro momento conversamos com a professora para saber se ela tinha alguma sugestão para o projeto e ela sugeriu que trabalhássemos gêneros literários, mais especificamente o gênero textual conto, na perspectiva da alfabetização e letramento, devido à turma ter uma grande dificuldade com leitura e escrita.

Assim sendo, a professora já estava ciente que realizaríamos o Estágio Supervisionado IV com sua turma. Por isso, tivemos total liberdade para realização do projeto, a mesma nos disponibilizou alguns materiais como: cartolinas coloridas, e tecidas para construção dos jogos. Também sugeriu que trabalhássemos gêneros



literários, mais especificamente o gênero textual conto, na perspectiva da alfabetização e letramento.

Em diálogo entre as estagiárias e a orientadora do estágio pensamos em como inserir atividades de alfabetização e letramento que fossem ao mesmo tempo prazerosas e inclusivas ao integrar crianças que não haviam sido alfabetizadas. Chegamos à conclusão de que planejaríamos dinâmicas com contos de fábula popularmente conhecidos e utilizaríamos além das histórias, o uso de imagens, jogos, brincadeiras, reconto e produções artísticas como recurso de interpretação e leitura visual.

Durante os dias de observação, percebemos que suas atividades básicas eram as atividades xerocadas, desenho livre ou quando a professora escrevia no quadro. A docente trazia dois tipos de atividades, um tipo para crianças que sabiam ler e outro tipo para os que não conseguiam decodificar as palavras. Em geral a turma mostrou-se participativa e agitada, entretanto um pouco lenta na realização das atividades, pois dispersavam com facilidade.

Dessa forma, preparamos o projeto “A utilização de contos literários através do lúdico no processo de alfabetização e letramento”, no qual foi bem recebido pela professora que ficou muito feliz com as atividades.

No primeiro dia da aplicação das intervenções entregamos a professora uma cópia do projeto de intervenção que seria aplicado. Notamos euforia e alegria das crianças assim que chegamos, pois já estavam cientes que seria o dia que teriam uma aula diferente das outras. A professora ficou apenas observando as aplicações das atividades e auxiliando quando necessário, principalmente quando ela queria fazer separação da turma entre as que liam e as que não liam.

Após a acolhida, convidamos as crianças para irem ao espaço externo. Fizemos uma roda de conversa com eles, conversamos e lemos o primeiro conto literário, intitulado de “Os três porquinhos”. Falamos um pouco sobre o gênero textual conto, suas características e os respectivos autores que do conto lido.

Ao voltarmos para sala pedimos que algumas crianças fossem ao quadro para que escrevessem palavras que remetessem a história, percebemos nesse momento o interesse deles de irem ao quadro, de escrever as palavras e de mostrar o que sabiam. Todos que foram ao quadro eram crianças que já liam e escreviam e escreveram corretamente de acordo com a norma padrão. Por sugestão da

professora, solicitamos que as crianças formassem duplas para a construção de uma reescrita do texto lido. Sendo assim, as crianças que sabiam ler escreveriam o texto, enquanto as que não sabiam iriam contando a história. Depois cada dupla apresentaria sua recontagem.

Percebeu-se que alguns ainda se encontravam em momentos diferenciados de leitura e escrita, confundiam algumas letras, sílabas e números; porém, de maneira geral, eles compreendiam as atividades e participavam de maneira ativa e criativa.

No segundo dia de intervenção, estavam presentes na sala de aula vinte e quatro crianças e todas aparentavam estar muito animadas para as atividades do dia. Neste dia havia uma sala com espaço maior e que estava desocupada, então pedimos autorização para utilizarmos com as crianças da turma.

Fizemos uma nova roda de conversa e apresentamos o livro “Chapeuzinho Vermelho”, a partir do conto fizemos duas brincadeiras com eles. A primeira foi uma dinâmica utilizando uma caixa surpresa. Os jogos foram confeccionados pelas estagiárias com cartolina, papelão e figuras.

Esse recurso foi pensado como estratégia visualmente atrativa para chamar a atenção das crianças. Com essa caixa ensinamos as crianças a cantar a seguinte música: “Passe a caixa pela roda, sem a roda desmanchar, quem ficar com a caixa uma surpresa vai tirar”. Enquanto cantava a música, a caixa ia sendo passada de mão em mão na roda. Quando a música parava, a criança que estivesse com a caixa tirava a surpresa que era uma gravura ou um doce, elementos que representavam o conto e, assim, no final eles fizeram o reconto da história com esses elementos que retiraram da caixa.

Na segunda brincadeira, realizamos com eles o jogo Dados da Leitura. Este jogo é composto de um quadro com palavras retiradas do conto e dois dados em que um indica a cor e o outro indica o número, desenvolvido a partir da relação Euclidiana<sup>4</sup>. Assim a criança jogava os dois dados, os quais indicariam na vertical e na horizontal, cruzando cor e número e revelando assim a palavra que deverá ler. Dessa forma, o jogo foi realizado em dupla, pois quem não sabia ler jogava os dados e quem sabia ler associava a cor e o número e fazia a leitura da palavra, as crianças alfabetizadas fizeram a leitura correta das palavras. As crianças mostraram interesse

---

<sup>4</sup>De acordo com Alberti (2009) as relações euclidianas são aquelas baseadas em um sistema de referência fixo, e utilizando medidas de distância.

e participaram com empolgação, logo que compreenderam a brincadeira. No final dessa atividade todas as crianças queriam ler, se mostraram felizes e empolgadas, queriam falar, questionar e opinar.

Para concluir a intervenção do dia, distribuímos pirulitos com imagens e frases escritas em suas embalagens. A escolha das mesmas foi proposital, coincidindo com o último conto, gerando animação das crianças que imediatamente observaram as imagens e leram a frase que tinha em seus pirulitos. Todos interagiram um com o outro, nesse momento ficaram bem à vontade na sala, momento de liberdade e interação para ler as palavras e também fazer a leitura de imagens nas embalagens. No final, a pedido da professora, fizeram uma reescrita do conto. No geral, obtivemos a participação ativa de todas as crianças que liam e as que não liam durante o processo de intervenção.

Não são todos os educadores que acreditam que o lúdico pode ser utilizado no processo de ensino e aprendizagem. Não é incomum ouvir que a utilização dos jogos e brincadeiras em sala de aula é um processo de perda de tempo e que gera muito transtorno por dar sobrecarga àquele que a produz, no caso, o professor, e a perda de controle sobre a turma que, no imaginário social, para dar certo deve ser dominada. Porém, deve-se pensar que as metodologias tradicionais, não raramente são insuficientes para que seja realizado o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança no contexto de alfabetização e letramento.

Considerando essas questões, para turma do 3º ano que realizamos o estágio não foi diferente. As atividades que tinham além das do quadro e do livro eram as atividades xerocopiadas apresentadas pela professora que se limitava a práticas corriqueiras do tradicionalismo no ensino na educação básica.

No entanto, de acordo com as observações, foi possível verificar que a professora e a turma, conheciam recursos lúdicos, a professora sabia de sua importância, porém era algo que ela não fazia uso, por enfrentar alguns obstáculos segundo ela.

Ao trabalhar o lúdico na sala de aula proporcionamos às crianças novas oportunidades de aprendizagem, novas formas de se aprender determinado assunto, mostrando a esses seres em formação que existem diversas possibilidades de se adquirir conhecimento, sendo uma delas baseadas em jogos e brincadeiras.

Constatamos que na turma havia 29 crianças, nos quais apenas 14 destes

sabiam ler e escrever e os outros 15 eram considerados analfabetos<sup>5</sup>. Porém, ao serem estimulados a participarem das atividades, apresentaram autoestima, participação e animação fruto do empoderamento delas em relação ao processo de alfabetização e letramento.

No primeiro dia de intervenção, conseguimos que a turma seguisse a proposta das atividades, a aula ocorreu como prevíamos e como planejamos, todos participaram ativamente, para alguns foi necessário chamar a atenção. Embora a turma fosse bem agitada, eles demonstraram muita criatividade ao escreverem seus textos. Pedimos às crianças que fizessem uma reescrita dos contos de fábulas apresentados, atividade que foi muito solicitada pela professora durante o período de realização do estágio. Tendo inicialmente como obstáculo o fato de mais da metade da turma ser analfabeta, tivemos como solução a formação de duplas. As crianças que sabiam ler escreveriam o texto, enquanto as que não sabiam recontariam as histórias. Verificamos, portanto que muitas delas embora reconhecessem as palavras, ainda não transcrevia. A cada texto lido percebemos a criatividade para construção do mesmo. Que embora fossem um reconto, existiam histórias com criatividade e imaginação própria de cada criança.

No segundo dia de intervenção, mudamos para uma sala maior para que tivessem mais liberdade nos movimentos, no entanto nesse dia eles estavam mais agitados. Não foi fácil a aplicação das atividades. Porém, nesse dia percebemos que eles tinham mais autonomia, para falar, perguntar. Crianças que ficavam no cantinho perderam o medo de participar.

Assim como, notamos que uma das crianças era muito calada, porém ela falou do seu interesse por livros e que queria levar algum dos livros que tinham na sala para casa. Durante o período que foi desenvolvido as atividades, notamos que ela já conhecia as letras, porém possuía uma pequena dificuldade para realizar a leitura. Com o transcorrer do tempo, ela perdeu um pouco a timidez e passou a participar mais ativamente das atividades propostas e foi possível ler com ela algumas palavras.

Dessa forma, obtivemos sucesso ao estimular as crianças a reagir de forma participativa quando estivessem jogando ou brincando e, no final, sempre pediam que essas atividades fossem repetidas. Neste dia, percebemos que não é sempre

---

<sup>5</sup> Segundo a docente: crianças que não conseguiam ler, escrever ou reconhecer as palavras.

que as aulas corresponderam conforme o planejado, como a turma estava muito agitada tivemos que fazer um esforço maior para que conseguíssemos concluir a seção com êxito. Essa experiência nos proporcionou momentos inusitados, em que muitas vezes tivemos que parar a atividade para resolver situações de conflitos.

Durante as intervenções foi possível observar as dificuldades respectivas de cada criança, tais como: o não reconhecimento das letras, dificuldades na escrita e leitura. Com o uso dos jogos, recontos e reescritas, foi evidente o avanço significativo de cada criança que ali se encontrava. Com o uso dos jogos e brincadeiras, as crianças brincaram e aprenderam sem medo, sem receio, com total liberdade para se expressar.

Além disso, observamos que a cada dia de atividades, as crianças estavam mais participativas, seguras, autônomas, o diálogo era melhor. A proposta de trazer o lúdico para sala de aula trouxe para as crianças um momento de felicidade, melhorando seu desempenho e gradativamente seu desenvolvimento em sala de aula melhorou visivelmente.

A docente da sala optou por não participar integralmente das atividades realizadas pelas estagiárias. Apesar de enfatizar seu interesse, decidiu da continuidade em outras atividades que tiverá deixado em aberto.

No entanto, não é fácil manter uma sala com 29 crianças atentas e participativas, em um espaço apertado e com poucos recursos pedagógicos e ainda resolver conflitos relacionados a própria turma e os pessoais que são levados para sala de aula pelas próprias crianças. Nesse sentido, manter as crianças motivadas e interessadas no processo de ensino aprendizagem, é um desafio para o educador.

A intervenção foi o momento de maior envolvimento com a turma, em todo o decorrer do estágio, cada momento, cada atividade, cada observação, foi de extrema valia e muito gratificante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto foi possível concluir que, as atividades lúdicas que realizamos junto às crianças na sala de aula auxiliaram no processo de alfabetização, motivação e empoderamento do ser em processo de alfabetização, favorecendo também no desenvolvimento de outras habilidades cognitivas, tais como: atenção, concentração, imaginação, criatividade, autoestima e principalmente a socialização.

As atividades realizadas com todas as crianças incluíam o mesmo conteúdo, desde aquelas que já possuíam habilidades com a leitura, até aquelas que ainda possuíam dificuldades em avançar. Assim, somos capazes de afirmar que a utilização do lúdico em sala de aula, nesse estudo de caso, com crianças que possuem dificuldades na leitura e escrita, torna-se uma estratégia primordial e que auxilia no processo de alfabetização e letramento das mesmas.

Na realização das atividades que foram desenvolvidas em sala de aula, junto com as crianças é importante que seja levado em consideração o ritmo apresentado pela criança, visto que, cada criança possui um ritmo diferente de aprendizagem. Desta forma, o modo que o professor ensina para uma criança precisa ser, às vezes, diferenciado para outra. Nesse sentido, cabe ao professor evidenciar o método adequado para proporcionar o melhor para alfabetização da sua turma.

Por fim, a experiência proporcionada pelo estágio supervisionado nessa turma de Ensino Fundamental I foi um espaço de aprendizagem que nos permitiu vivenciar uma experiência ímpar, com trocas mútuas, debates, diálogo, participação, contextualização e construção de conhecimento científico atrelado à práxis. É o momento de passagem entre o docente em formação e o profissional da educação, pode-se refletir que é necessário prepara-se para identificar os problemas, enfrentar as barreiras e propor soluções cabíveis no cotidiano da profissão. Além disso, conseguimos descobrir potencialidades para a construção de metas a serem atingidas em favor do processo educativo da turma a qual ficamos responsabilizadas.

Acreditamos que a temática da ludicidade no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental I, propicia a criança o desenvolvimento e aprendizagem integral por meio dos jogos e brincadeiras, e que a

alfabetização não seja uma exigência de um grafismo coerente à escrita convencional, mas um processo complexo, ao qual o professor deve cautelosamente mediar seus alunos para evoluírem em suas hipóteses. Assim, é por meio desse processo de interação e troca que se chega ao conhecimento. Pois, entendemos que a criança precisa ser vista como sujeito de direito e como tal, tem o direito à aprendizagem, assim como tem o direito à educação.

Diante do que foi exposto e considerando todo o contexto que permeia o 3º ano do Ensino Fundamental I, de ano limite para alfabetização, foi possível identificar por meio de conversas informais e vivências na escola, a necessidade social de continuar com a proposta da instituição de refletir, estimular e valorizar a identidade e cultura de cada criança respeitando o seu tempo e auxiliando a alcançar suas capacidades. Assim, compreendemos que trabalhar com educação é ter um olhar atento e sensibilizado para o registro da prática docente no cotidiano, que é um instrumento de reflexão para melhoria na qualidade do ensino público, gratuito, de qualidade e socialmente referenciado.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, M. F. **Codificando e decodificando o entorno da escola: a linguagem cartográfica como instrumento na construção dos saberes geográficos.** Secretaria de Educação do Estado do Paraná, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1633-6.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2019.

ALMEIDA, A. **Ludicidade como Instrumento Pedagógico.** Cooperativa do Fitness, Belo Horizonte, 2009. Sessão de publicação de trabalhos. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br.>> Acesso em 19 out. 2018.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação na Idade Certa – PNAIC.** Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <[http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/doc\\_orientador/doc\\_orientador\\_versao\\_final.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/doc_orientador/doc_orientador_versao_final.pdf)> Acesso em: 12 mar. 2019.

ESTADO DE ALAGOAS. **Plano Estadual de Educação (2015-2025).** SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO FÓRUM ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2015. Disponível em: <<http://www.maceio.al.gov.br/wp-content/uploads/admin/documento/2015/06/PEE-2015.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2019.

FERREIRO, E. **Com todas as letras.** 2. ed. Tradução: Maria Zilda da Cunha Lopes. Retradução e cotejo: Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

FORTUNA, T. R. Sala de Aula é Lugar de Brincar? In: XAVIER, M.L. M. e DALLAZEN, M. I. H. (org) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais.** Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, 6) . 147-164.

\_\_\_\_\_. **O Lugar do brincar na Educação Infantil.** Revista Pátio Educação Infantil, Ano IX, n. 27, p. 08-10, abr./jun. 20

FRIEDMANN, A. **O brincar no cotidiano da criança.** São Paulo: Moderna, 2006.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

\_\_\_\_\_. KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento. Perspectivas Atuais: Belo Horizonte, 2010.



\_\_\_\_\_. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KUHLMANN, J. M.; FERNANDES, R. **Sobre a história da infância**. In.: FARIA FILHO, L.M. (org.) *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUCK, H. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009. Disponível em < [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/498-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/498-0.pdf) > Acesso em 30 de set. de 2018.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. Disponível em: [www.luckesi.com.br](http://www.luckesi.com.br). Acesso: mar. 2006.

MALUF, A. C. M. **Brincar: prazer e aprendizado**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, V.M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAU, M. C. T. D. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica**. Curitiba: Ibpex, 2007.

SANTOS, S. M. P. **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 182 p.

SOARES, Magda. **O que é letramento e alfabetização**. In \_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TEIXEIRA, S. F. A; VAZ, M. **O. Jogos matemáticos**. 1ª ed. Goiânia: Gev, 2001. *Transição do infantil para o fundamental*. Disponível em. Acesso em: 17 de maio. 2018.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1978.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa: Editora Antídoto, 1979.